

# Ameaça de bomba suspende sessão

JORNAL DE BRASÍLIA

27 MAI 1981

REPULSA

A denúncia de uma bomba no plenário do Senado provocou a suspensão da sessão ontem, às 16h40, quando o senador Jarbas Passarinho, presidente da Casa, chamou a Polícia Federal, depois de constatar a presença de um objeto, semelhante a uma granada, pendurado numa das cadeiras da tribuna de honra.

Cerca de 50 minutos depois, entretanto, a sessão foi reaberta, com a revelação de que a «granada» era um simples objeto de plástico escuro, com um clipe de papel imitando um pino e envolto até a metade por fita adesiva.

Pouco antes da interrupção dos trabalhos, o gabinete da presidência do Senado começou a receber telefonemas de um porta-voz do «Comando Delta», avisando da existência da bomba na tribuna e que ela explodiria a qualquer momento. À princípio, pensou-se tratar de uma brincadeira de mau gosto, e os telefonemas repetiram-se mais duas vezes.

Enquanto isso, também a telefonista do Comitê de Imprensa recebia um chamado desse tipo e o senador Dirceu Cardoso (ES) atendeu a um outro em seu gabinete: «Aqui é o Dr. Assis do Comando Delta. Foi colocada uma bomba no plenário», lhe disse a voz. O senador não acreditou e a voz repetiu a informação, enfatizando que estava falando sério.

No plenário, quem presidia a mesa e recebeu a informação, foi o senador Itamar Franco (PMDB-MG) que, tranquilamente, suspendeu a sessão, enquanto o senador Dirceu Cardoso pedia aos convidados que evacuassem a tribuna de honra. O plenário foi esvaziado e o senador Jarbas Passarinho, junto com Itamar Franco, ficou e, atendendo a uma indicação de um dos seguranças da Casa, constatou a presença do objeto.

O senador Passarinho, então, comunicou-se com a Polícia Federal, que levou 27 minutos para chegar ao local. Nesse meio tempo, o presidente do Senado permaneceu no plenário — logo secundado por outros senadores — e recebeu um telefonema do ministro da Justiça, a quem confirmou as informações, de que havia um objeto pendurado na terceira cadeira da última fila da tribuna de honra.

Com a chegada dos peritos da Polícia Federal, verificou-se a natureza do objeto e a sessão foi reaberta para o senador Alberto Silva (PDS-PI), que ocupava a tribuna na hora do incidente, continuar seu discurso sobre as potencialidades do marmeleiro como fonte alternativa de energia.

## DIGNIDADE

Quando o orador terminou seu discurso, o presidente da Casa relatou os fatos, frisando sempre que as providências tomadas foram as racionais numa situação dessas, principalmente levando-se em consideração que atos dessa natureza têm precedentes sérios.

Entretanto, afirmou que o Senado não pode se sentir envergonhado ou atingido em sua dignidade com o acontecimento. Pouco depois, disse que teria sido pior se ele e o senador Itamar Franco não tivessem ficado no plenário e, depois, constatada a brincadeira de mau gosto, serem vítimas de «uma gargalhada geral».

O líder do PMDB, senador Marcos Freire (PE) registrou satisfação pelas providências tomadas, mas fez questão de deixar claro que quem colocou o objeto no plenário e conseguiu suspender a sessão do Senado conseguiu seu objetivo e que isso se configura em atentado, embora a bomba não fosse real e não tivesse explodido.

Para ele, o ato não pode ser subestimado, porque se insere dentro de «uma trama que visa à desprestigiar as instituições democráticas e o Senado, dentro do contexto atual, tem sido uma trincheira de resistência».

O senador manifestou a repulsa de seu partido a todos os atentados terroristas.

## UNIÃO

O líder do PP, senador Evilásio Vieira (SC) concordou com essa argumentação e disse que seu partido tem a convicção de que houve uma tentativa de atingir a Instituição, para dificultar e impedir a marcha para a normalidade democrática.

Por isso, pregou a união de esforços em torno do governo no combate a todo e qualquer ato de terrorismo e conclamou a necessidade de as autoridades ampliarem a ação contra o terror.

Já o senador Teotônio Vilela (PMDB-AL) interpelou o presidente da Casa sobre as providências a serem tomadas porque, argumentou, a bomba não existe para matar, mas para amedrontar e, assim, quem engendrou o ato de ontem teve sucesso.

«Trata-se de um fato grave. Se a bomba vai ou não atravessar a rua eu não sei, mesmo porque tenho dúvidas de sua trajetória», disse o senador oposicionista, lembrando que a Nação foi atingida pelo incidente, uma vez que a vítima foi a Câmara Alta.

O presidente Jarbas Passarinho, entretanto, argumentou que como o plenário é escuro, qualquer pessoa pode trazer um objeto no bolso e colocar na sua cadeira na hora de se retirar, a menos que se coloque um detector de bombas na entrada da Casa.

Ao mesmo tempo, informou que um dos seguranças da Casa supunha ter localizado um suspeito — na figura de um homem alto, magro, mulato, de cabelos encaracolados, vestindo terno cinza-chumbo, usando crachá de visitante — que se retirou de maneira suspeita exatamente da última fila da tribuna de honra, pouco antes da evacuação do recinto.

## INTIMIDAÇÃO

Também o líder em exercício do Governo, senador José Lins, reconheceu que o ato foi cometido como um processo de intimidação e que se constituiu em terrorismo, embora não conseguisse atingir a dignidade da Casa, que não se mostrou amedrontada.

Ao mesmo tempo, manifestou seu repúdio e a necessidade de união de todas as forças de bom-senso «para um ato de rebeldia sagrada» contra o terror. O senador disse também da confiança do PDS nas providências que a mesa deverá adotar para evitar que fatos semelhantes — ou mais graves — venham a ocorrer.

As 18h05 a sessão foi encerrada.